

Tudo começou na hora de criar os partidos

RENATO RIELLA
Secretário de Redação

Nestas eleições, a indecisão começou muito cedo, na própria escolha dos candidatos. Muito político recém-nascido ficou meses e meses pensando se tentaria ser senador ou deputado. Como não havia as escalas de ascensão (vereador, deputado estadual...), o dilema do empresário, intelectual ou mesmo do dirigente sindical era total.

E mais: corria a mística de que seria mais fácil se eleger um senador do que um deputado, nesta Brasília de tantos enigmas. E muita gente, que teria chances como corrente à Câmara, achou que teria facilidade de sentar-se no Senado.

No amadurecimento da campanha, vê-se que acontece no Distrito Federal um processo de definição do eleitorado muito semelhante ao de qualquer estado — embora mais lento. Entre os 68 candidatos ao Senado, somente quatro ou cinco têm chances reais de se eleger. Para a Câmara, no entanto, é um salve-se quem puder, porque os candidatos a deputado estão em ritmo de pretendente a vereador.

Mas há uma verdade maior nisso tudo: é que a grande indecisão notou-se na formação dos partidos políticos brasilienses. Aconteceu mais do que uma indecisão: um verdadeiro choque. Lindberg Aziz Cury, empresário, ao candidatar-se pelo PMDB, com apoio dos comunistas,

foi um bom exemplo dessa situação. Oscar Niemeyer, ao permanecer semanas num vou-não-vou, também alimentou a confusão do povo.

E, analisando-se a situação de todos os partidos, encontramos exemplos diferentes que se refletem na opinião pública. Vejam um: Lauro Campos, professor de Economia da UnB, como candidato do Partido dos Trabalhadores, não é um caso de choque? Mas tornou-se o principal candidato do PT, embora não consiga falar um linguagem próxima do povão.

O PMDB tem também exemplos contraditórios, para dificultar o entendimento popular. Fernando Tolentino e Geraldo Campos, por exemplo, esperava-se que estivessem disputando as eleições em legendas comunistas, mas preferiram ficar ao lado de Lindberg, Carlos Murilo, Joselito e outros, que não têm nada de esquerda.

Como é que o povão fica no meio de tantos contrastes? E como o povão pode absorver tantas siglas menores, que ocupam às vezes espaço na TV e demonstram total falta de recursos? O resultado é que o discurso de Lauro Campos ou de Maurício Correa se confunde com a singeleza de Simplicio da Simplicidade. E todos pagam pelas deficiências de todos (veja o saldo disso na enquete ao lado)